



SUMÁRIO
EXECUTIVO

OCDE-FAO
PERSPECTIVAS
AGRÍCOLAS
2023-2032



SUMÁRIO
EXECUTIVO

OCDE-FAO
PERSPECTIVAS
AGRÍCOLAS
2023-2032

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA)

Equipe técnica

Sueme Mori Andrade
Diretora de Relações Internacionais

Felipe Luís Ody Spaniol
Coordenador de Inteligência Comercial

Rodrigo Alex Goessel da Matta
Coordenador de Promoção Comercial

Camila Nogueira Sande
Elena Castellani
Eric Ramos Pinheiro
Larissa Pretti Feitosa
Maria Rita Lana Padilla
Pedro Henrique dos Santos Rodrigues
Rosilene Lozzi Bandera



SUMÁRIO EXECUTIVO DO RELATÓRIO “OCDE-FAO PERSPECTIVAS AGRÍCOLAS 2023-2032”

Este sumário apresenta os principais pontos do relatório “Perspectivas Agrícolas 2023–2032” (título original em inglês: “OECD–FAO Agricultural Outlook 2023–2032”), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), divulgado em julho de 2023. O relatório analisa as previsões para as commodities agropecuárias nos próximos dez anos. Nele, são abordadas as tendências globais, regionais e nacionais dos mercados, bem como os riscos estimados para o setor agrícola, como o aumento dos preços de energia. Alguns dos destaques trazidos são:

- 1. Custos de produção e fertilizantes:** uma metodologia desenvolvida pela OCDE–FAO neste ano revela que os preços das commodities agrícolas mostram uma notável inelasticidade em relação às flutuações nos preços dos fertilizantes. Esse dado é especialmente relevante para países como o Brasil, que são dependentes de importação dos fertilizantes;
- 2. Política de fertilizantes no Brasil:** dada a dependência brasileira de fertilizantes importados (85%), o relatório ressalta a necessidade de se desenvolver uma política nacional de produção de fertilizantes. O Brasil possui recursos para produção própria, como potássio, petróleo, gás natural e rochas fosfática e potássica;
- 3. Impacto dos biocombustíveis:** o aumento nos preços da energia e a expansão do uso de biocombustíveis têm um impacto direto nos custos da produção agrícola. Alterações nas políticas de mistura de biocombustíveis podem resultar em aumentos tanto nos custos de produção quanto na manutenção dos equipamentos agrícolas;
- 4. Desafios ambientais, comércio e regulamentações:** o documento ressalta a preocupação com as emissões de gases de efeito estufa e considera que as soluções de mitigação incluem a adoção de processos e de tecnologias neutras em carbono. Além disso, ressalta as normas da União Europeia referentes ao desmatamento e seus impactos na conformidade e na adaptação da produção brasileira a essa nova regulamentação; e
- 5. Produção agrícola e pecuária:** as previsões indicam que o crescimento da produção agrícola e de carnes deva ser de 1,1% e 1,3% ao ano, respectivamente, até 2032, impulsionada principalmente pela produtividade. No que se refere à demanda, o relatório estima estagnação da demanda de carne nos países desenvolvidos e expansão da demanda em países de baixa e média renda. A aquicultura é projetada para superar a pesca tradicional, oferecendo ao Brasil a oportunidade de expandir sua participação nesse mercado. Em suma, o Brasil apresenta um alto potencial de produção e expansão do setor agropecuário, tendo a China como um mercado-chave, embora possa enfrentar desafios regulatórios mais rigorosos da União Europeia.



SUMÁRIO EXECUTIVO

Lançado em julho de 2023, o relatório “OCDE-FAO Perspectivas Agrícolas 2023-2032” é um esforço colaborativo entre a OCDE e a FAO, preparado com contribuições de seus países-membros e das organizações internacionais de commodities. O documento fornece uma avaliação das possibilidades futuras, no período de dez anos, para as commodities agropecuárias e os mercados de pescados em nível nacional, regional e global, considerando o contexto de riscos econômicos contínuos, incertezas e altos preços de energia. As análises realizadas dão indicações relevantes sobre as tendências de mercado para os produtos agrícolas, permitindo aos indivíduos e às instituições relacionados ao setor estabelecerem estratégias de longo prazo que visem à competitividade e à rentabilidade do segmento.

O aumento dos preços dos insumos agrícolas ocorrido nos últimos dois anos gerou preocupações sobre a segurança alimentar global. Os dados apresentados neste ano pelo relatório evidenciam que o incremento dos custos dos fertilizantes pode acelerar ainda mais o crescimento dos preços dos alimentos. Atualmente, a modelagem de rendimentos da produção, realizada pela OCDE-FAO, conhecida como Aglink-Cosimo, permite separar os custos dos fertilizantes minerais dos demais insumos de produção e, com base nessa separação, elaborar cenários. Essa nova metodologia é uma contribuição significativa da OCDE-FAO para a compreensão dos impactos dos preços nos mercados agrícolas, sendo que, no documento em questão, é estimado um cenário que prevê que, para cada 1% de aumento nos preços dos fertilizantes, os preços das commodities agrícolas devem aumentar 0,2%. Isso indica que os preços das commodities são bastante inelásticos em relação aos custos totais, o que, sob a ótica dos consumidores, é favorável, mas representa um risco elevado para os produtores, que deverão arcar quase que integralmente com a elevação dos custos dos fertilizantes.

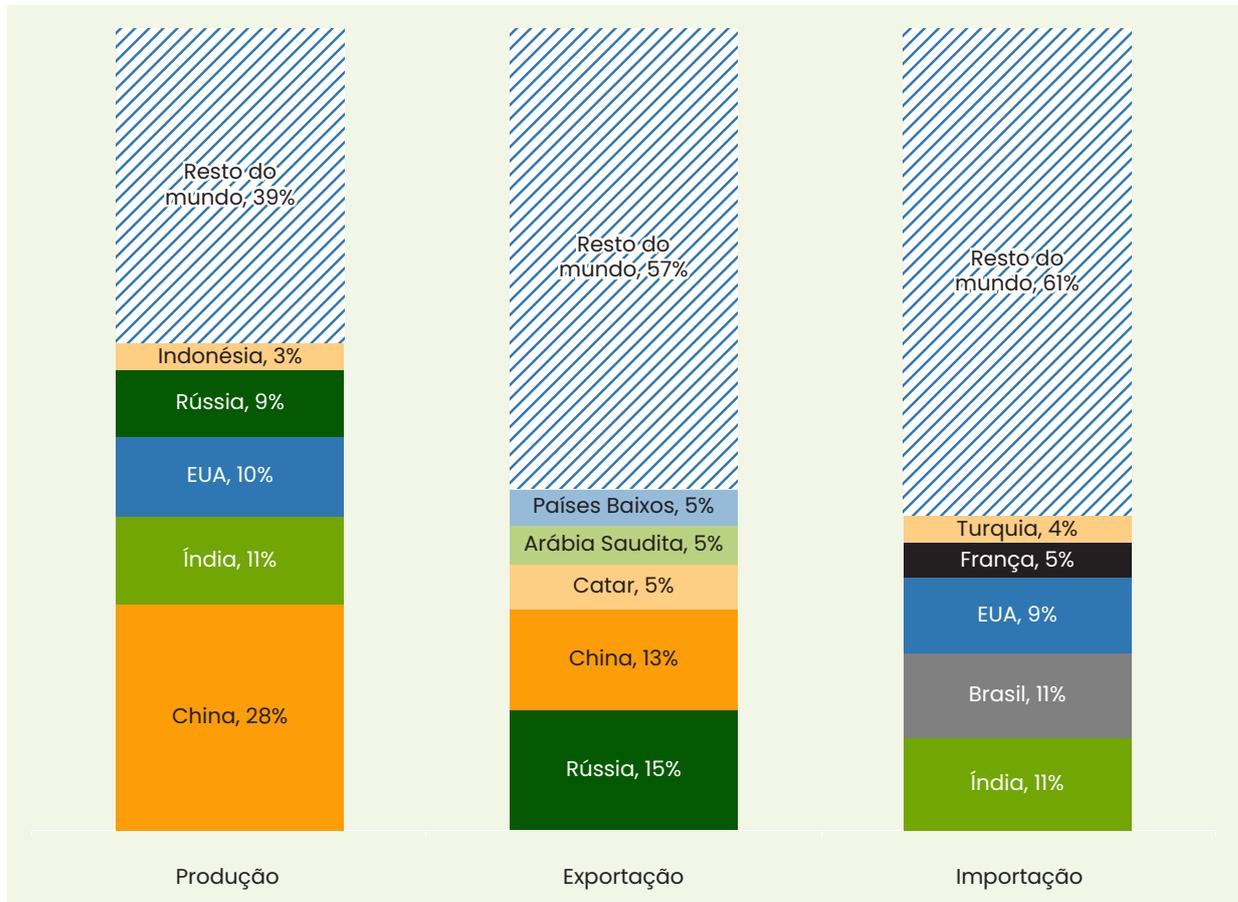
Considerando essa informação e a dependência do Brasil em relação aos fertilizantes (em torno de 85% dos fertilizantes utilizados na agricultura são importados, fazendo com que o país seja o segundo maior importador de fertilizantes do mundo, conforme Gráfico 1), tornam-se essenciais a proposta de uma política nacional e a produção própria de fertilizantes¹. Nesse sentido, é de suma relevância que as entidades ligadas à agricultura e ao agronegócio se mobilizem para promover os incentivos corretos à política de fertilizantes no Brasil. Embora haja uma concentração das matérias-primas em termos globais e empresariais para a produção dos fertilizantes – notadamente, em países como China, Rússia, Canadá e Estados Unidos da América (EUA) –, o Brasil tem um potencial significativo para a produção de fertilizantes, pois possui a oitava maior reserva de potássio do mundo, dispondo ainda de matérias-primas fundamentais para a produção de fertilizantes nitrogenados, como petróleo e gás natural, enxofre e rocha fosfática (para produção de adubos fosfatados) e rocha potássica (para produção de adubos potássicos)². Além desses elementos, o Brasil apresenta elevado potencial para produção de fertilizantes alternativos, como o pó de rocha³.

1 BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos. **Plano Nacional de Fertilizantes 2050**: uma estratégia para os fertilizantes no Brasil. Brasília: SAE, 2021. Disponível em: http://bibliotecadigital.sae.ibict.br/jspui/bitstream/SAE/33/1/SECRETARIA%20ESPECIAL%20DE%20ASSUNTOS%20ESTRATEGICOS_Plano%20Nacional%20Fertilizantes_2022.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

2 BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Conselho Administrativo de Defesa Econômica. **Cadernos do Cade**: mercado de insumos agrícolas. Brasília: Departamento de Estudos Econômicos, fev. 2020. Disponível em: <https://cdn.cade.gov.br/Portal/centrais-de-conteudo/publicacoes/estudos-economicos/cadernos-do-cade/mercado-de-insumos-agricolas-2020.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

3 CORREIA, Raíssa Tavares. **Rochagem**: a aplicação de pó de rocha como alternativa sustentável aos fertilizantes agrícolas no Brasil: uma revisão. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Engenharia Ambiental) – Centro de Ciências da Natureza, Universidade Federal de São Carlos, Buri, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17745>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Gráfico 1 – Principais produtores e comercializadores de fertilizantes baseados em nitrogênio (média entre 2016 e 2020)



Fonte: FAOSTAT.

Entretanto, a previsão global para os insumos relacionados à agricultura é de maior acesso a eles, sendo o risco básico dessa estimativa a possibilidade de aumento nos preços de energia e de fertilizantes, o que poderá resultar em crescimento dos custos de produção, gerando, conseqüentemente, inflação nos preços dos alimentos e maior insegurança alimentar. Assim, é necessário acompanhar a oscilação de preços desses insumos não somente pela preocupação com os custos de produção, mas também por ser um elemento mobilizador da política de promoção da produção nacional de fertilizantes.

Segundo a modelagem Aglink-Cosimo da OCDE-FAO, as oscilações dos preços e da disponibilidade dos insumos terão conseqüências mais significativas para a agricultura que usa fertilizantes como insumos diretos do que para os produtos pecuários que os usam indiretamente – com exceção da produção das carnes de aves e suínos, que dependem fortemente do milho e da soja. Embora esse cenário se concentre na ligação entre fertilizantes e commodities agrícolas, as flutuações nos preços de energia, sementes, mão de obra e máquinas também podem afetar os preços dos alimentos. Logo, na projeção dos custos de produção agrícola, outra consideração importante volta-se ao custo da energia, que tem tendência de elevação nos próximos anos. No caso dos biocombustíveis, eles atingiram um pico histórico em 2022, com redução de preços em 2023 e previsão de queda em 2024, quando passarão a crescer de forma lenta e consistente até 2032. O Gráfico 2 permite visualizar a tendência de preços dos biocombustíveis.

Gráfico 2 – A evolução dos preços dos biocombustíveis e suas matérias-primas



Nota: Etanol: preço no atacado (EUA, Omaha); biodiesel: preço ao produtor (Alemanha, *net of biodiesel tariff and energy tax*). Preços reais são os preços nominais deflacionados pelo deflator US GDP (2022=1). Como proxy para o preço da matéria-prima do biodiesel, é utilizado o preço mundial do óleo vegetal, e, para o etanol, é aplicada uma média ponderada entre o açúcar bruto e o milho.

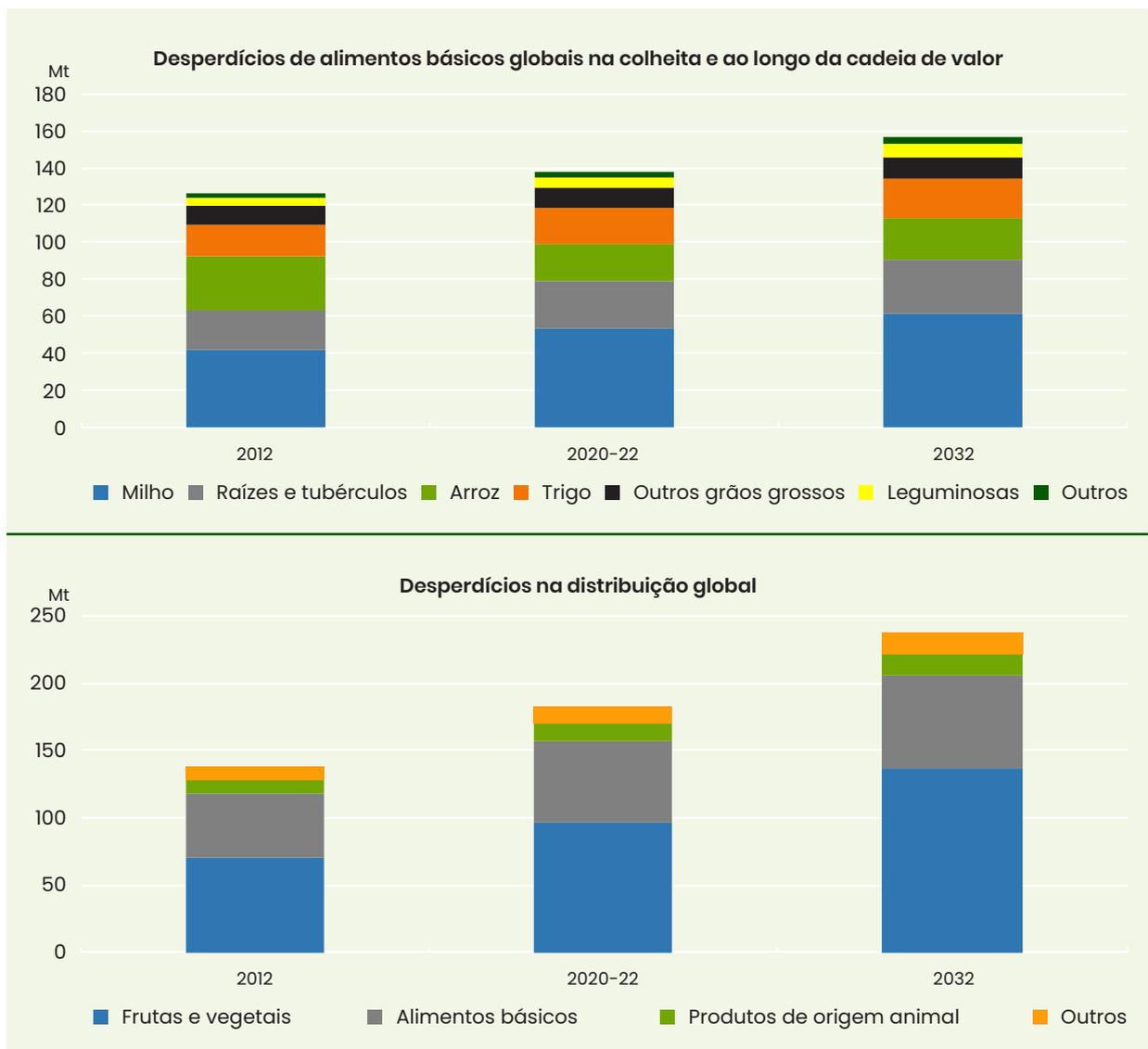
Fonte: OECD-FAO Agricultural Outlook database.

Para os produtores brasileiros, o aumento nominal em dólares dos biocombustíveis poderá ter impacto significativo, a depender das oscilações do câmbio no Brasil. Em relação aos preços do petróleo, segundo o Outlook Energy 2023, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) vem reduzindo a oferta para compensar a

queda da demanda, fator que tende a manter os preços da commodity elevados até o final desta década. Aqui cabe outro destaque em relação aos custos agrícolas e que está relacionado aos biocombustíveis, isto é, a adoção pelo governo brasileiro de incremento da participação do biodiesel acima de 10% no diesel – atualmente, de 12% (B12), deverá chegar ao B15 em 2026. Isso trará fortes impactos tanto no que se refere ao valor do combustível para a produção quanto naquilo que for relacionado aos custos de manutenção dos equipamentos agrícolas. Portanto, haverá elevados desdobramentos nos custos de produção.

A análise da OCDE-FAO deste ano fornece estimativas aprimoradas para o consumo de alimentos, incorporando métodos analíticos para calcular sua perda e seu desperdício (cf. Gráfico 3). Esses cálculos são fundamentais para a elaboração de políticas públicas que auxiliem o alcance da meta 12.3 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, de reduzir pela metade o desperdício de alimentos *per capita* no varejo e no consumo até 2030. Países com elevadas perdas de alimentos podem sofrer barreiras de comércio que podem se somar a outras já implementadas, como aquelas ligadas às questões ambientais, por exemplo.

Gráfico 3 – Desperdícios de alimentos ao longo das cadeias de valor

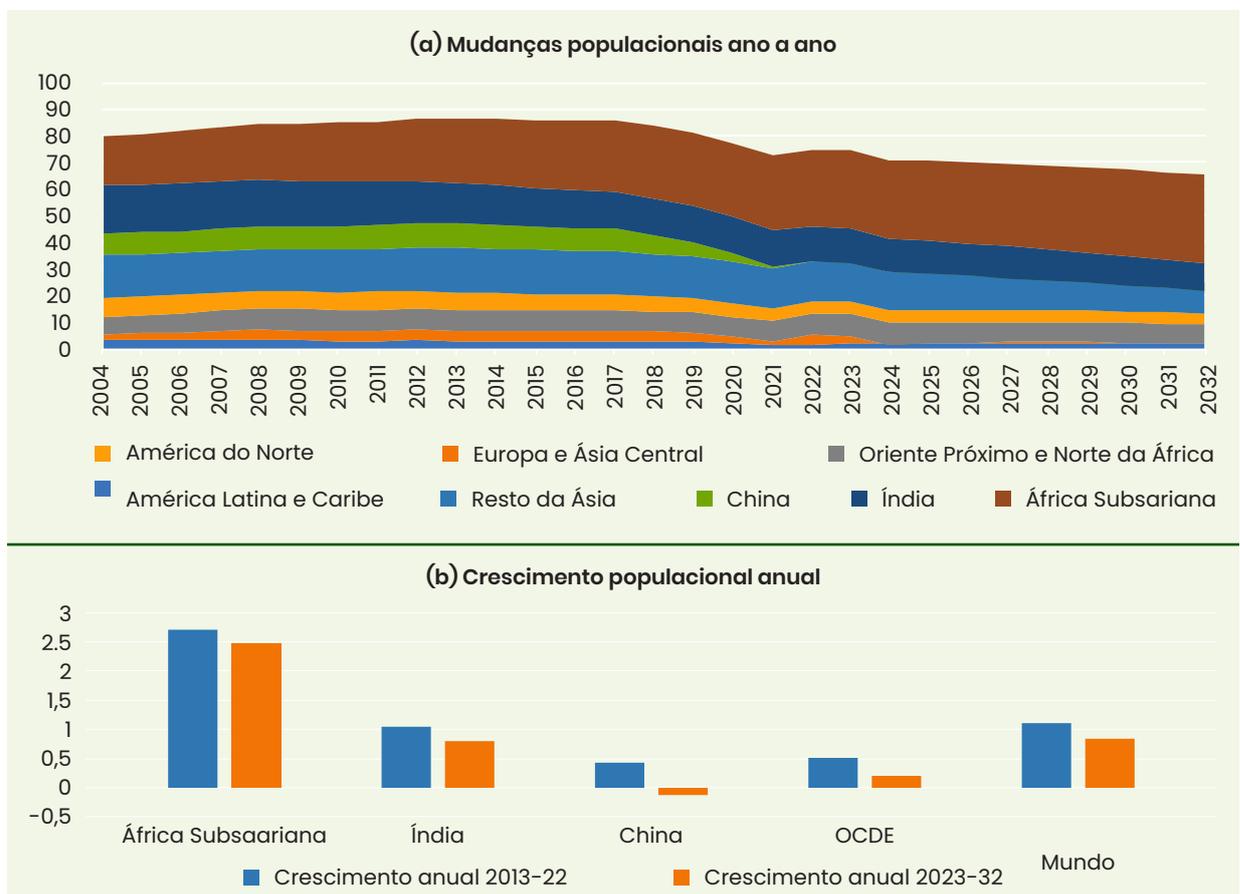


Fonte: OECD-FAO Agricultural Outlook database.

O relatório leva em consideração, para os próximos dez anos, as projeções de redução do crescimento econômico feitas no World Economic Outlook, realizado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Nesse documento, o crescimento econômico global médio esperado para a próxima década, que era de 2,7%, foi reduzido para 2,6%. Também compõe a base das análises a previsão de diminuição da população da China a partir de 2022. As projeções incorporam também avaliações de curto prazo do impacto da Rússia, em guerra contra a Ucrânia. Contudo, nenhuma avaliação dos desenvolvimentos de médio prazo na região pode ser fornecida neste momento. Nesse cenário, as projeções globais de tendências de médio prazo para oferta, demanda, comércio e preços das principais commodities agrícolas e de peixes são pouco diferentes das projeções do ano passado.

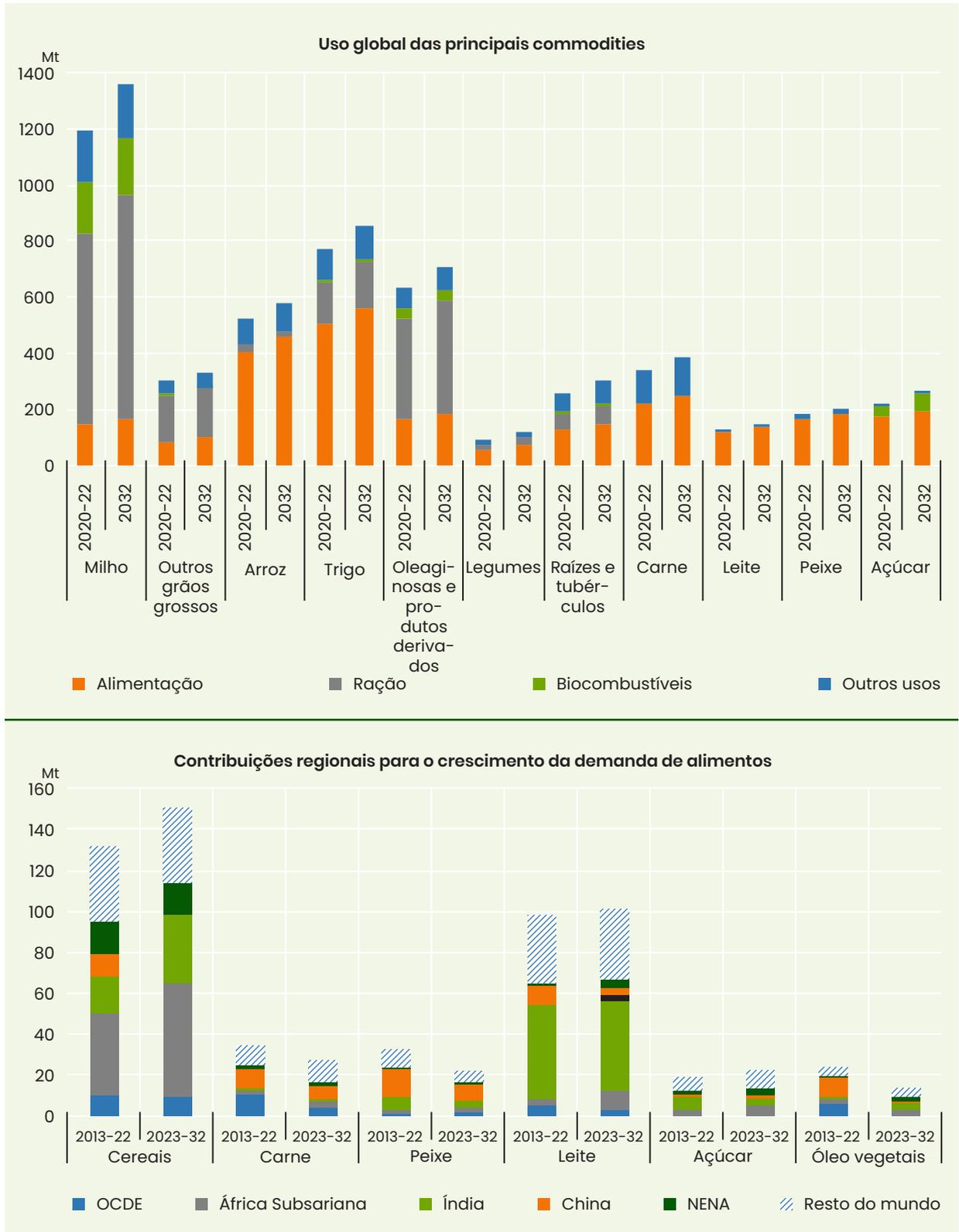
Por fim, o documento mantém a tendência observada nos estudos anteriores, isto é, de queda nas populações de vários países europeus, no Japão e na Coreia do Sul, e de crescimento populacional concentrado em nações de baixa renda, particularmente, na África Subsaariana (cf. Gráfico 4). Esse movimento indica, para o crescimento do comércio internacional de commodities agrícolas do Brasil, a necessidade de ampliar sua *market share* nesses mercados. Isso poderá ter duas consequências: a primeira diz respeito ao perfil dos produtos que se alteram nesses mercados (arroz, milho e trigo); a segunda diz respeito aos ganhos de receitas com exportações, os quais, provavelmente, decorrerão mais das variações de quantidades exportadas do que das variações de preços. As variações no crescimento das principais commodities podem ser observadas no Gráfico 5.

Gráfico 4 – Crescimento populacional global



Fonte: OECD-FAO Agricultural Outlook database.

Gráfico 5 – Uso das commodities e aumento da demanda por alimentos



Nota: O esmagamento de sementes oleaginosas não é comunicado, uma vez que as utilizações de “óleo vegetal” e “farinha proteica” estão incluídas no total. “Laticínios” refere-se a todos os produtos lácteos em unidades equivalentes sólidas de leite. O uso do biocombustível de açúcar refere-se à cana-de-açúcar e à beterraba, convertidas em unidades equivalentes de açúcar.

Nota: Cada coluna mostra o aumento da demanda global durante um período de dez anos, dividido por região, apenas para uso de alimentos. NENA significa “Oriente Médio e Norte da África”.

Fonte: OECD-FAO Agricultural Outlook database.

No entanto, a guerra continua a adicionar incertezas aos preços de alimentos, energia e insumos. No início do conflito, a disponibilidade reduzida de grãos e fertilizantes era uma grande preocupação para os mercados globais. Um ano depois, as condições de abastecimento melhoraram graças às iniciativas, mediadas pela Organização das Nações Unidas e pela Turquia, entre Rússia e Ucrânia, denominadas de Acordo de Grãos do Mar Negro, o qual não foi renovado desde 17 de julho de 2023, mostrando o grau de imprevisibilidade do cenário agrícola em decorrência desse conflito.

As estimativas de queda nos preços do milho ultrapassaram os 20% enquanto o acordo para escoamento de grãos no Mar Negro se manteve. É esperado que, com o fim do tratado, os preços das commodities voltem a subir, ao menos parcialmente, visto que a Ucrânia tem buscado alternativas para a exportação de seus produtos agropecuários, como a assinatura de um novo acordo, para escoamento por terra, aproveitando as estruturas ferroviárias já existentes no Leste Europeu. Nesse contexto, as perspectivas apontadas pelo relatório, divulgado antes da retirada da Rússia frente à iniciativa de grãos do Mar Negro, podem se alterar, sobretudo em curto prazo.

As estimativas anteriores para o consumo global de alimentos em calorias – o principal uso das commodities agrícolas – eram de aumento de 1,3% ao ano até 2032, ritmo menor do que o verificado na década anterior devido à desaceleração prevista no crescimento da população e da renda *per capita* global. O segundo uso mais importante das commodities agrícolas dá-se como ração para gado e, cada vez mais, para a aquicultura. O relatório também destaca a rápida expansão e intensificação que se espera na produção de gado em países de baixa e média renda, resultando em uma demanda crescente por ração ao longo da próxima década. Em contraste, em países de alta renda e em alguns países de renda média-alta, incluindo a China, o menor crescimento na produção pecuária e a melhoria da eficiência alimentar devem resultar em um crescimento mais lento na demanda por ração, se comparado com o da última década.

Por sua vez, espera-se que a demanda por matérias-primas de biocombustíveis de primeira geração cresça lentamente nos próximos dez anos, sendo a maior parte do incremento na demanda advinda da Índia e da Indonésia, impulsionada pelo aumento do uso de combustível para transporte e por maiores exigências de mistura de biocombustíveis. Em outros mercados importantes, como a União Europeia, espera-se que a demanda por matérias-primas de biocombustíveis de primeira geração diminua com base tanto na diminuição do uso desse tipo de combustível no setor de transporte como na preferência crescente por outras fontes energéticas alternativas. No geral, a participação de biocombustíveis de cana-de-açúcar e óleo vegetal deverá aumentar, enquanto a participação de biocombustíveis do milho deverá diminuir. Essas alterações podem beneficiar o Brasil, que tem a cana-de-açúcar como base para o etanol e um potencial significativo para implementar a produção de etanol de segunda geração, o que reduziria o impacto ambiental ocasionado pela queima da palha nos canaviais e pela produção do resíduo denominado de vinhaça, que possui elevado potencial de contaminação dos solos e dos recursos hídricos. Além desses fatores, a produção do etanol de segunda geração pode ampliar em 2,5 vezes o rendimento atual de produtividade por hectare.

A situação em relação aos investimentos em tecnologia, infraestrutura e treinamento permanece fundamentalmente inalterada em relação às projeções do ano passado. Assim, o crescimento da produção agrícola global total deve permanecer em

1,1% ao ano. A maior parte desse incremento ocorrerá em países de renda média e baixa, impulsionado principalmente pelo aumento da produtividade. Portanto, investimentos no aumento da produtividade e na melhoria da gestão agrícola são essenciais. Assumindo o progresso contínuo no melhoramento de plantas e uma transição para sistemas de produção mais intensivos, os aumentos na produção projetados até 2032 derivarão sobretudo dos ganhos de produtividade, que devem representar 79% do aumento, enquanto a expansão de terras agrícolas e o aumento na intensidade de cultivo devem responder por 15% e 6%, respectivamente.

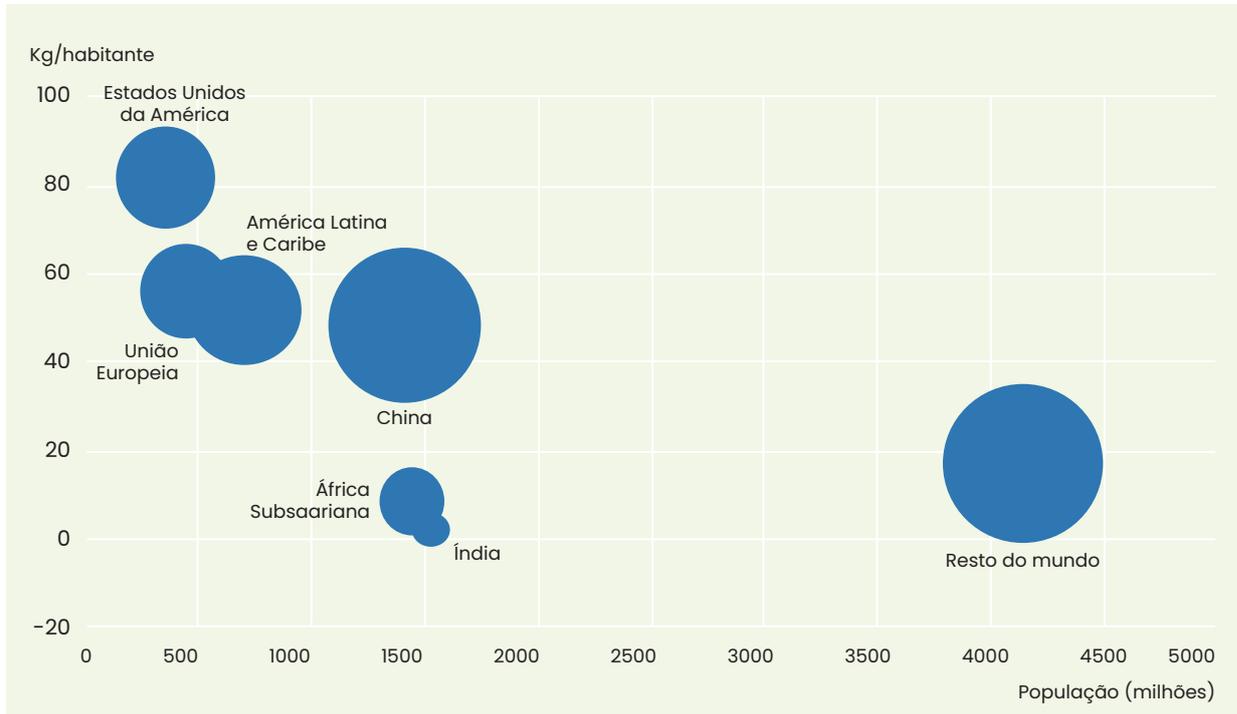
Da mesma forma que a produção agrícola, a produção de bovinos e de peixes derivará de melhorias na produtividade por animal, advindas de um manejo mais eficiente do rebanho e de maior intensidade alimentar, devendo propiciar um crescimento anual de 1,3%. Estima-se que as aves representem cerca de metade do crescimento global da produção de carne devido à lucratividade que decorre de taxas favoráveis da relação do preço da carne pelo preço da ração. A produção de carne suína ainda está se recuperando do surto de peste suína africana, no leste da Ásia, e deve retomar o crescimento do período pré-crise em alguns anos. A produção global de leite está projetada para crescer fortemente na próxima década, com metade desse crescimento ocorrendo na Índia e no Paquistão. Além disso, apesar das perspectivas de crescimento limitadas, a aquicultura ultrapassou o volume de produção global da pesca de captura em 2022.

Ainda sobre a aquicultura, cabe ressaltar que a pesca de captura deverá sofrer revezes tanto por redução dos estoques como por questões ambientais. No entanto, o Brasil tem na produção de tilápia, de camarão e de algumas espécies nativas o equivalente a mais de 700 mil toneladas anuais. Essa produção é estável, tem qualidade sanitária, rastreabilidade e certificações de caráter orgânico e de sustentabilidade⁴. Dessa forma, o Brasil tem potencial para uma produção em larga escala que permite atender não só o mercado interno, mas também ter uma participação relevante no mercado externo. Considerando a possibilidade de integração lavoura-pecuária-aquicultura e os benefícios econômicos e ambientais dessa integração, essa atividade pode ser um elemento relevante para a imagem do Brasil no mercado internacional e, com isso, fortalecer a posição do país em outros produtos agrícolas na União Europeia e Japão, por exemplo.

A proteína animal é um produto nobre e ainda de baixo consumo mesmo em países desenvolvidos. Nessas nações, a disponibilidade de carne está um pouco acima de 100g/pessoa/dia. Além disso, o crescimento previsto da produção de carnes, até 2032, é de 1,3% ao ano, e a estimativa do incremento da demanda é de 2,5%, o que ampliará a defasagem entre demanda e oferta, resultando em um cenário, em longo prazo, promissor para as carnes, com tendência de alta de preços ao longo do tempo. O principal mercado para as carnes é a China, conforme se pode observar no Gráfico 6.

4 ZAMBONI, Ademilson. Soluções para a crise da pesca marinha. **Oceana**, Brasília, 4 set. 2019. Comunicados de imprensa. Disponível em: <https://brasil.oceana.org/comunicados/solucoes-para-crise-da-pesca-marinha>. Acesso em: 23 ago. 2023.

Gráfico 6 – Projeção para 2032 de consumo de carne nos países e nas regiões



Nota: O tamanho das bolhas representa o consumo de carne (Mt).

Fonte: OECD-FAO Agricultural Outlook database.

O documento destaca as emissões agrícolas globais de gases de efeito estufa (GEE), que devem aumentar 7,6% na próxima década. Em nível global, o crescimento das emissões de GEE será menor do que na década anterior e menor do que o crescimento projetado de 12,8% na produção agrícola, indicando um declínio mais rápido na intensidade de carbono da produção agrícola. Ao mesmo tempo, esses sistemas de produção enfrentam o desafio de se adaptar às mudanças climáticas, incluindo eventos climáticos extremos, que estão ocorrendo de forma mais frequente e intensa.

Segundo a análise presente no relatório, as soluções de mitigação e adaptação dos sistemas de produção agrícola abrangem a adoção em larga escala de processos e de tecnologias de produção inteligentes e neutras em carbono. Nesse sentido, a agropecuária brasileira tem tido avanços significativos, mas que não estão distribuídos de maneira uniforme tanto do ponto de vista regional quanto em termos setoriais. Logo, um espraiamento das boas práticas é fundamental para o setor no Brasil. Ademais, mostra-se necessária a difusão da gestão da propriedade baseada no conceito de agricultura inteligente (*smart farming*), adotando práticas que gerem: aumento da produção; diminuição do custo pela redução dos insumos como combustíveis, fertilizantes e defensivos; redução da mão de obra; e, por fim, melhoria da qualidade dos produtos, o que resultaria por si só em maior rentabilidade. Dessa forma, a agricultura inteligente também proporcionaria ganhos de mercado, seja pelo aumento da competitividade, seja pela ampliação do mercado externo, pois resultaria em melhoria da opinião pública dos residentes dos Estados Unidos da América e dos países da União Europeia⁵.

5 MOYSIADIS, Vasileios; SARIGIANNIDIS, Panagiotis; VITSAS, Vasileios; KHELIFI, Adel. Smart farming in Europe. **Computer Science Review**, [Online], v. 39, p. 1-22, fev. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1574013720304457>. Acesso em: 23 ago. 2023.

O comércio de commodities agrícolas primárias e de produtos processados deverá crescer em linha com a produção na próxima década. A pandemia de covid-19 levou a interrupções mundiais nas relações comerciais, mas o comércio de commodities agrícolas provou ser resiliente. No cenário mundial, a guerra da Rússia contra a Ucrânia tem impactado o comércio de commodities, especialmente, as exportações ucranianas. As projeções ressaltam a importância crítica de um sistema comercial multilateral que funcione bem, seja transparente e se baseie em regras. Nesse contexto, proibições de exportação apenas agravam o efeito adverso das incertezas e promovem o aumento dos preços. Isso resulta não apenas em um impacto negativo na segurança alimentar global (e nos meios de subsistência) em curto prazo, mas também prejudica a capacidade de abastecimento em longo prazo.

O Brasil apresenta tendência de crescimento do saldo de comércio de produtos agropecuários, o que é relevante tanto do ponto de vista de geração de renda para o país quanto para o fortalecimento da sua posição de maior exportador mundial de commodities agrícolas básicas, fato que o torna determinante para a segurança alimentar do planeta. Todavia, esse prognóstico contém uma crítica relevante para o país ao afirmar que esse incremento se dará em grande parte em função da expansão da agricultura em terras secas do Cerrado no Brasil, que não haviam sido cultivadas até a década de 1990. Se associarmos essa informação contida no relatório com a nova regulamentação do Desmatamento da União Europeia (EUDR), pode-se prever um risco elevado para o setor agrícola brasileiro, dado que uma parcela significativa das exportações brasileiras de commodities é destinada aos países da União Europeia.

A nova EUDR afeta os principais produtos brasileiros (soja, café, carne bovina/couro, cacau/chocolate, madeira/móveis, borracha e óleo de palma) e precisa ser avaliada no âmbito de um mercado internacional protecionista. Para que os produtores nacionais possam se adequar à regulamentação, as leis vigentes no Brasil terão de ser também levadas em consideração pelos produtores. Ademais, essa adequação é complexa e necessita de amplo esforço das entidades privadas e públicas. Além disso, essas exigências também trazem custos do ponto de vista da produção, pois será necessário agregar novos processos tecnológicos ao processo produtivo nas propriedades.

Vale ressaltar que a nova legislação europeia se apresenta de maneira unilateral, não levando em consideração a legislação vigente em países terceiros, nem mesmo as iniciativas para o controle do desmatamento já existentes nesses países. Além disso, a nova regra tem alto potencial de geração de desvios de comércio, visto que adota um sistema de *benchmarking* que categoriza os países de acordo com um nível de risco a ser estabelecido pelo próprio bloco europeu.

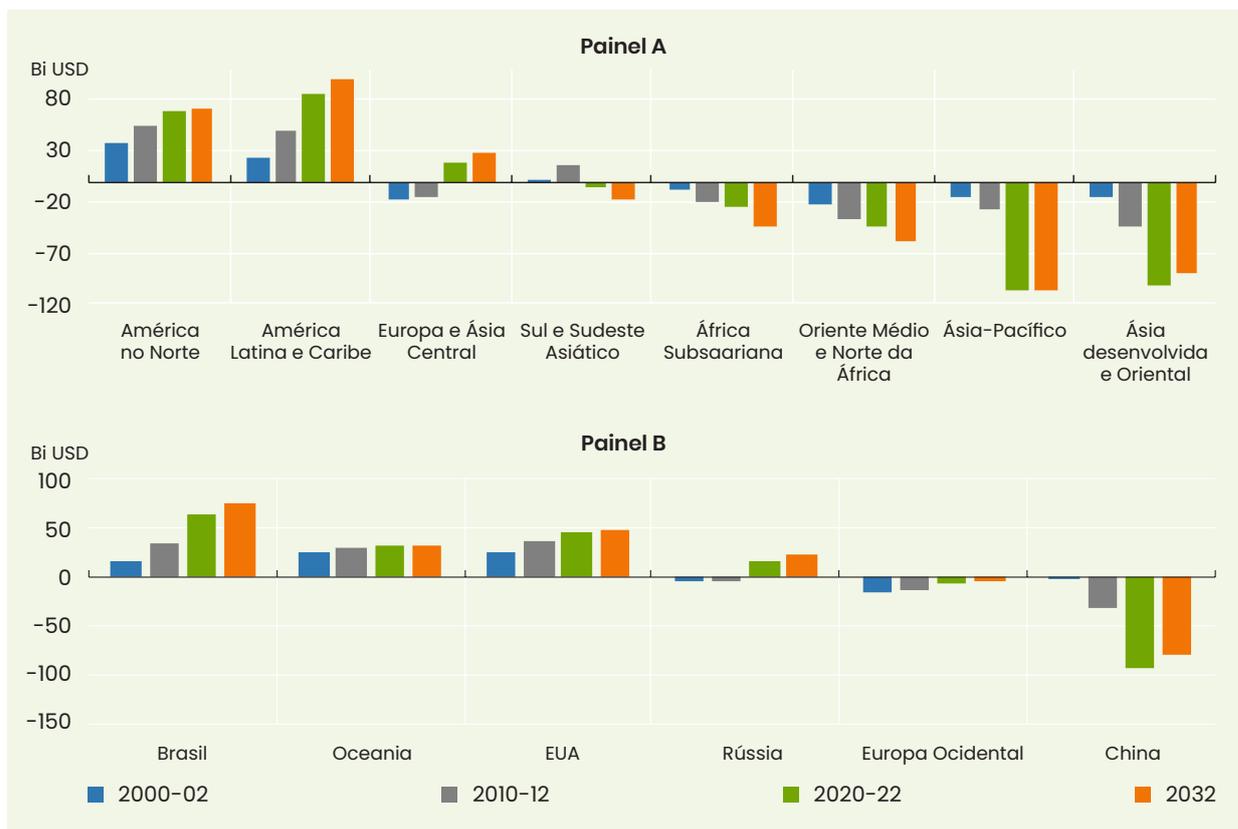
Nesse sistema, países classificados como de alto risco e de risco-padrão enfrentariam dificuldades em concorrer com países de baixo risco, tendo em vista o aumento das restrições e os mecanismos de controle que geram custos adicionais aos exportadores. Preocupa ainda o caráter punitivista da legislação, que estabelece multas extremamente altas, as quais desincentivam ainda mais que operadores europeus busquem produtos de países classificados nos níveis mais altos de risco, mesmo que estes sejam mais produtivos.

Dessa forma, há a necessidade de um esforço das entidades relacionadas ao setor agropecuário para: (i) comunicarem à sociedade e aos países europeus o potencial e a relevância da produção agrícola na região do Cerrado, com base em culturas

adaptadas às condições climáticas, que foram resultados de uma ampla pesquisa pública, em especial, daquelas realizadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); (II) promoverem, junto com o setor público, políticas de enfrentamento dos riscos de secas na região do Cerrado; e (III) evidenciem que a produção de carnes está estável em termos espaciais e que não haverá risco de transferência da produção da Amazônia para o Cerrado e, conseqüentemente, risco para o bioma dessa região.

A evolução dos superávits e déficits agroalimentares do Brasil, principal exportador líquido, conforme o Gráfico 7, evidencia a direção do comércio de produtos agrícolas do Brasil para os países em desenvolvimento. Dessa maneira, América do Norte, América Latina e Caribe são superavitários. A União Europeia é um mercado relevante, porém as restrições não tarifárias devem se ampliar ao longo do tempo, não devendo haver crescimento da demanda por produtos agrícolas, ao contrário de países do continente africano, do Oriente Médio e da Ásia Oriental.

Gráfico 7 – Saldo líquido de trocas, em valores constantes



Nota: Saldo líquido de trocas (exportações menos importações) de commodities cobertas no relatório, tendo valores em USD constante em 2014-16. O saldo líquido de trocas inclui o comércio intrarregional, mas exclui o intra-UE.

Fonte: OECD-FAO Agricultural Outlook database.

As projeções de médio prazo, no relatório, baseiam-se na suposição de que as políticas atuais permanecerão em vigor e de que as preferências do consumidor e a tecnologia de produção evoluirão de acordo com a tendência verificada nos últimos anos. Essas suposições estão sujeitas a incertezas em relação aos desenvolvimentos ambientais, sociais, geopolíticos e econômicos. Por exemplo, um período prolongado de alta inflação ou uma recessão global alterariam essas projeções. Nessa perspectiva, a análise de cenários apresentada neste relatório fornece indicações sobre a magnitude desses impactos.

